

A tradição e a modernidade em “Bernice Bobs Her Hair”, de F. Scott Fitzgerald

Larissa Bruna Batista de Farias (UEPB)*
ORCID 0000-0003-3291-3018

Resumo: Nesse estudo buscamos apresentar a discussão acerca do conto “Bernice bobs her hair”, de F. Scott Fitzgerald, na perspectiva da identidade de gênero. Com isso, nos centramos nas personagens Bernice e Marjorie, duas jovens que vivem na era do *jazz*. As inquietações e as transformações que fizeram parte do início do século XX provocaram efeitos não apenas no cotidiano dos sujeitos como também nos ideais da sociedade. Assim, encontramos no conto analisado contraposições entre práticas e princípios, ao que diz respeito ao comportamento das mulheres, da modernidade e da geração do século passado.

Palavras-chave: Literatura norte-americana; Identidade de gênero; Era do *Jazz*

Abstract: In this study we intend to discuss about the short story "Bernice bobs her hair", by F. Scott Fitzgerald, from the gender identity perspective. Thus, we focus on the characters Bernice and Marjorie, two young women who live in the jazz era. The anxieties and transformations that were part of the beginning of the twentieth century had effects not only on the daily life of the individuals but also on the society ideals. In this way, we found in the short story contrasts between practices and principles, related to the behavior of women, of the modern generation and the one from the past century.

Keywords: American literature; Gender identity; Jazz era

Resumen: En este estudio buscamos presentar el discurso sobre el cuento “Bernice bobs her hair”, de F. Scott Fitzgerald, desde la perspectiva de la identidad de género. Con eso, nos centramos en los personajes Bernice y Marjorie, dos jóvenes que viven en la era del jazz. Las inquietudes y transformaciones que fueron parte de principios del siglo XX provocaron efectos no solo en la vida cotidiana de los sujetos sino también en los ideales de la sociedad. Así, encontramos en el relato analizado, contrastes entre prácticas y principios, en cuanto al comportamiento de las mujeres, la modernidad y la generación del siglo pasado.

Palabras-clave: Literatura norteamericana; Identidad de género; Era del Jazz

Recebido em: 9 abril 2021

| Aprovado em: 29 abril 2021

* Doutoranda em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: larissafarias181@gmail.com.

Francis Scott Fitzgerald, o escritor norte-americano, se destaca no cenário literário da era do *jaçç* no século XX, contribuindo com romances – como “This Side of Paradise” (1920), “The Beautiful and the Damned” (1922), “The Great Gatsby” (1925), “Tender is the Night” (1934) –, ensaios autobiográficos, roteiros para filmes de Hollywood, além também de diversos contos publicados em periódicos e coletâneas.

Vivendo experiências tanto na época de prosperidade econômica dos Estados Unidos da América quanto na grande crise de 1929, o autor marca suas obras com os reflexos de uma sociedade festiva, consumista e progressista, com personagens que ao passo que se enquadram dentro de tais aspectos também há os que se encontram do lado oposto, sendo conservadores de ideologias ou costumes de determinado período. Sabendo que a obra literária é resultado das relações dinâmicas entre escritor e sociedade, percebemos as narrativas de Fitzgerald como reveladoras de acontecimentos e transformações sociais, políticas e ideológicas que ocorreram ao longo da história, transbordando essa era do *jaçç* e se fazendo pertinentes, independente da época que nos situamos.

Nessa perspectiva, propomos a análise crítica do conto “Bernice Bobs Her Hair” (1922), com enfoque nas personagens Marjorie, de pensamentos e modos que se afastam das práticas conservadoras atribuídas às mulheres, e Bernice, que procura manter a tradição de comportamentos femininos numa esfera onde a maioria das jovens apresentam ideais que não coincidem com a geração passada. A partir das referidas personagens, que se divergem entre os pensamentos modernos e os conservadores, iremos nos centrar na perspectiva da identidade de gênero. Para isso, nos fundamentamos em uma pesquisa de cunho bibliográfico, nos apoiando, proeminentemente, nos seguintes teóricos: Stearns (2010) a respeito à sexualidade; para a “mística feminina” partiremos de Friedan (1963; 1983), a identidade com Woodward (2014), e a sujeição e liberdade com Stuart Mill (1859; 1869).

1. As mulheres na primeira metade do século XX

No início do século XX, as heranças ideológicas da mulher submissa, afetuosa e pura ainda se faziam presentes na sociedade, valorizando apenas o seu papel no espaço privado. A subjetivação da mulher ocorria, então, dentro de regras sociais estabelecidas em um dado contexto cultural, podendo os indivíduos aceitarem tais prescrições ou se rebelarem contra elas.

Quanto à atividade sexual, segundo Stearns (2010), deveria ser restrita ao leito conjugal e a demonstração do prazer carnal refreada, uma vez que muitos moralistas ainda afirmavam que mulheres não tinham desejos, sendo o sexo disposto apenas para a procriação. Neste processo, a maternidade e a domesticidade fizeram parte, por muito tempo, da condição feminina, devendo a mulher aceitar e valorizar os princípios a ela atribuídos.

A identidade feminina fazia parte, portanto, da normatização engendrada e binária dos sujeitos. Para as mulheres, os traços de seu destino se reservava para a servidão ao outro, anulando a si mesma, na função de cumprir um papel de gênero. Essa identidade, imperativa e regrada, não apenas tem impacto sobre os relacionamentos entre os sujeitos, mas produz conceitos e valores de uma geração a outra, reforçando restrições de práticas sociais (MILL, 2006 [1869]).

Para Friedan (1983), a imagem definida pela ocupação de dona-de-casa deveria ser rompida para que fosse possível exigir oportunidades igualitárias para as mulheres. De acordo com a mesma, em “A mística feminina” (1963), após a crise econômica de 1929 nos

Estados Unidos, essa imagem considerada um fenômeno natural do ser feminino foi reforçada e estimulada mediante a mídia que sugeria em seu discurso como ser a mãe e esposa perfeita, contribuindo na frustração das mulheres que desenvolviam diversos distúrbios mentais, como depressão e consumismo exagerado.

As inquietações acerca dos padrões fixos comportamentais do feminino e masculino culminaram em movimentos sociais, como o feminista que também se articula com a filosofia política. Segundo Garcia (2011), o feminismo é “uma luta pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para as mulheres e, com isso, pela igualdade de todos os seres humanos”. Nessa perspectiva, o discurso de tal movimento pressupõe uma mudança no sistema engendrado que implica na transformação relacional entre os indivíduos.

Com o surgimento do sufrágio nos Estados Unidos, as mulheres procuraram sair de seus lares e reivindicar a igualdade política e legislativa em um longo percurso histórico carregado de resistências. Tal movimento libertário, aos poucos, alterou o cenário do século XX mediante aumento de oportunidades sociais (como no mercado de trabalho; na organização da vida política; na produção de conhecimentos científicos, entre outras) e proporcionaram maiores chances de superar a fixidez identitária fundamentada na tradição cultural de uma dada época que se apresentavam para muitas mulheres como um obstáculo para a conquista de sua autonomia.

Nesse viés, percebemos, nos textos literários, discursos que se relacionam com as experiências individuais e coletivas conjuntamente com os seus respectivos significados e valores. Logo, a literatura tem poder político e ideológico, no sentido em que herdamos da palavra, pois “ela guarda as relações mais estreitas com questões do poder social” (EAGLETON, 2006, p. 33), podendo reforçar ou não os pressupostos de um sistema específico.

Em meio a movimentos políticos, críticas sociais, crises identidades e a constante busca pela verdade, o leitor encontra nas produções escritas possibilidades de reflexões pertinentes acerca do caos que se volta contra a ordem, assumindo sua posição crítica em direção à narrativa e a interpretando à luz de seus próprios interesses. Isto posto, a configuração do século XX no ocidente é um cenário de dúvidas, que abalam as certezas do pensamento conservador, bem marcado na escrita como a que aqui analisamos.

2. Bernice corta o cabelo

Francis Scott Fitzgerald foi um escritor que identificou, delineou e popularizou a representação da mulher chamada *flapper* na década de 1920. Com a contribuição considerável de sua esposa Zelda, que era sexualmente liberada e irreverente, o escritor oferece ao público personagens que expressam a modernidade e a juventude sob perspectiva do cenário de sua época. Para o mesmo, estes jovens representavam os novos pensamentos em torno do romance, da rebeldia e da liberdade, apresentando em suas primeiras produções escritas a prática de diferentes valores.

Flappers eram símbolos do espírito festivo da era do *jazz*, sendo mulheres ocidentais jovens que usavam saias curtas, cortavam o comprimento de seus cabelos, dançavam o estilo de música do momento, fumavam e tomavam bebidas alcoólicas, descartando o que se consideravam um comportamento aceitável na sociedade patrilínea. Nessa direção, consideramos Fitzgerald como um escritor que explora, através da ficção, sua visão acerca da condição das mulheres e as transformações comportamentais e de pensamento na esfera social ao longo das décadas.

As *flappers*, nas obras do norte americano, não eram apenas um estilo temporal, mas

faziam parte de uma geração marcada pela modernização do sujeito feminino. Em sua primeira coleção de contos, intitulada *Flappers and Philosophers* (anexo 1), o leitor defronta-se com personagens que bem ilustram a referida geração do início do século XX juntamente as suas conformidades e oposições às práticas reproduzidas por seus antecessores.

“Bernice Bobs Her Hair” é um dos contos que fazem parte da mencionada coleção. O enredo se constitui a partir da protagonista Bernice, uma menina antiquada que acredita firmemente nos valores atribuídos as mulheres que sua mãe lhe ensinara, em visita a sua prima, Marjorie, uma garota determinada que se diverte com os flertes e as danças nas noites de baile. A tensão se inicia quando a protagonista escuta uma conversa da sua prima reclamando sobre o quão a acha entediante, ameaçando-a, posteriormente a ir embora de volta para seu lar.

Entretanto, Bernice persuadida por Marjorie a mudar seu modo de pensar e se comportar, permitindo-a lhe ensinar a se vestir e agir como uma *flapper*. Os ensinamentos da prima são tão bem sucedidos que a personagem se torna mais popular e atraente para os garotos. Marjorie, ao perder a notoriedade dos olhos masculinos para a prima, procura desafiar Bernice a cortar o cabelo e deixá-lo curto, uma vez que acreditava que ela não teria ousadia para fazer tal penteado que apenas as mulheres modernas ousavam usá-lo (anexo 2).

Assim, no momento em que Bernice corta o cabelo a narrativa atinge seu ponto culminante, aquele de maior tensão. Sem o comprimento de seus cabelos, a furiosa Bernice sai no meio da noite, entra no quarto de Marjorie onde ela está dormindo, corta suas longas tranças e corre para fora da casa para pegar um trem de volta para seu lar, sendo este o desfecho do conflito produzido pelas ações das personagens.

Ao percorrer da narrativa, percebemos tanto os aspectos do contexto de um determinado tempo, dispostos pelas práticas das personagens e pela construção de um espaço vanguardista, como também os artifícios literários que o escritor vem a fazer uso. Nessa vertente, temos uma narrativa em terceira pessoa, numa linguagem direta e diálogos que se voltam ao conflito do enredo numa estrutura linear, dividida em seis partes, seguindo o modelo com uma estrutura fechada e objetiva em sua produção.

De acordo com Pratt (1994, p. 95), o conto se refere à uma construção artística na qual se exerce a comunicação de acontecimentos, experiências ou situações de acordo com uma ordem que possui uma totalidade própria. Assim, percebemos na obra de Fitzgerald a presença dos aspectos que se aproximam de concepções mais tradicionais da composição de tal narrativa.

Em suma, temos em “Bernice Bobs Her Hair” registro de fatos individuais e coletivos, experienciados pelas personagens Bernice e Marjorie, numa sucessão de quadros constituídos por breves diálogos, entrelaçado logicamente no curso da introdução, desenvolvimento, clímax e desenlace, resultando no texto literário dramático.

3. Quando a tradição encontra a modernidade

Em 1920, o contexto social norte americano passou por várias mudanças. Para as mulheres as transformações estavam presentes não apenas na esfera política, com a conquista do direito ao voto para a classe burguesa, como também na social, incluindo tanto os seus costumes como a moda feminina. Os valores e os comportamentos caminharam, então, junto ao tempo, sendo perceptível desde ao âmbito doméstico aos bailes de sábado à noite.

Os bailes eram conhecidos no século XIX por suas rígidas regras. Um homem podia convidar qualquer jovem da sua escolha para dançar, enquanto a mulher devia

manter-se esperando pelo convite, não podendo fazer o papel inverso e convidá-lo para a dança. Além disso, geralmente, a jovem era acompanhada pela mãe até o baile para que ela pudesse controlar e observar as condutas morais da filha (SHERWOOD, 1887 [2020]). Tais bailes já não eram mais os mesmos no século seguinte. A imagem de uma menina em um vestido curto, cigarro na boca e dançando o som do *jazz* era marcante nos anos vinte. O *jazz*, ritmo de influências africanas, nasceu em *New Orleans*, expandiu pelo território americano, influenciando o campo musical do ocidente. Assim, tanto a música quanto a sua relativa dança prosperaram entre os jovens da geração moderna norte americana.

O mencionado contexto se faz bem articulado com a ocorrência dos fatos em “Bernice Bobs her Hair”, onde o narrador nos apresenta os novos moldes dos espaços de festas, que aconteciam, em grande parte, aos sábados após o anoitecer. As moças e rapazes se distribuía, então, nos camarotes, frisas e no meio do salão, enquanto os que já não faziam mais parte da nova geração observavam criticamente o comportamento da juventude na parte da varanda, como bem podemos verificar no trecho que se segue:

The balcony was inside [...] At these Saturday-night dances it was largely feminine; a great babel of middle-aged ladies with sharp eyes and icy hearts behind lorgnettes and large bosoms. The main function of the balcony was critical. It occasionally showed grudging admiration, but never approval, for it is well known among ladies over thirty-five that when the younger set dance in the summer-time it is with the very worst intentions in the world, and if they are not bombarded with stony eyes stray couples will dance weird barbaric interludes in the corners, and the more popular, more dangerous, girls will sometimes be kissed in the parked limousines of unsuspecting dowagers.¹

Nessa perspectiva, é possível perceber a transfiguração das práticas dos sujeitos. Se antes os bailes deveriam possuir mais homens, no período moderno estão presentes, em maior número, mulheres, que se afastando dos padrões dos tempos remotos, não mais se mantinham recatadas, expressando seus desejos sexuais. Para os que procuravam conservar a tradição gendrada, essas mudanças de atitudes eram insatisfatórias uma vez que afrontavam as normas, desestruturando valores legitimados por grupos hierárquicos de uma determinada sociedade.

Durante a narrativa, a personagem Marjorie Harvey é introduzida como pertencente a essa geração de pensamento progressista. Com sua longa trança loira, rosto de fada, língua desconcertante e residindo na cidade de *New Haven*, como bem nos relata o narrador, a personagem possui presença assídua nos bailes, se permitindo ser tirada para dançar por várias vezes no mesmo salão, sem receios de demonstrar interesse pelos garotos.

Warren McIntryre, atraído por Marjorie, era um dos flertes da garota, submetido a testes que ela o fazia passar para provar sua estima por ela. Desviando-se da mulher recatada que permanece a espera de seu futuro marido, a personagem rompe as fronteiras

¹ A varanda era dentro [...] Nesses bailes de sábado à noite, era um ambiente em grande medida feminino; uma grande babel de senhoras de meia-idade com olhos afiados e corações gelados atrás de binóculos de ópera e traseiros grandes. A principal função da varanda era a crítica. De vez em quando, elas demonstravam uma certa admiração relutante, mas jamais aprovação, pois é bem sabido entre as senhoras de mais de 35 anos que os mais jovens buscam a dança durante o verão com as piores das intenções do mundo, e se eles não são bombardeados por olhos empedernidos, casais desgarrados dançarão estranhos interlúdios bárbaros nos cantos e, o mais popular e mais perigoso: as garotas as vezes serão beijadas nas limusines estacionadas pertencentes a matronas insuspeitas. (FITZGERALD, 2010, p. 61)

do ideal conservador do romance, se relacionando com rapazes durante suas breves viagens, enquanto Warren fica ansiosamente a sua espera.

Warren, who had grown up across the street from Marjorie, had long been "crazy about her." Sometimes she seemed to reciprocate his feeling with a faint gratitude, but she had tried him by her infallible test and informed him gravely that she did not love him. Her test was that when she was away from him she forgot him and had affairs with other boys. Warren found this discouraging, especially as Marjorie had been making little trips all summer, and for the first two or three days after each arrival home he saw great heaps of mail on the Harveys' hall table addressed to her in various masculine handwritings.²

O flerte constituía o início da cultura do namoro. No início do século XX, os comportamentos que davam indícios ao interesse pelo outro já era praticado pelas mulheres. Embora fossem gestos discretos, segundo Esteves (1989), o flerte a permitia a escolha do parceiro e uma maior participação no arranjo do relacionamento, sendo que “apesar das inquietações moralistas [o flerte] não escandalizava tanto os preocupados pais e era aceito como uma iniciação necessária”. Assim, Marjorie se ajustava a tal prática, propagando os novos moldes da mulher moderna dos anos vinte.

Esse indivíduo moderno buscava a libertação dos costumes tradicionais, que definia a identidade feminina a partir da valorização da mulher como ser não pensante, virtuosa, com funções estabelecidas no interior do lar e para a procriação, supondo, ainda, o casamento ser o ápice de seus desejos e realização pessoal (FRIEDAN, 1963). A personagem, que rompe com essa mística feminina, conformando-se as condutas modernas, tem sua identidade marcada pela diferença, uma vez que sua configuração parte daquilo que ela não vem a praticar.

Ilustremos com o seguinte diálogo entre Marjorie e sua mãe, Sra. Harvey, a respeito das atitudes conservadoras de sua prima:

"[...] Oh, I know what you're going to say! So many people have told you how pretty and sweet she is, and how she can cook! What of it? She has a bum time. Men don't like her." [...] "no girl can permanently bolster up a lame-duck visitor, because these days it's every girl for herself".³

Sabendo que, as identidades estão em constante processo de construção/reconstrução, estritamente articulado com as questões política, cultural, social, geográfica e econômica, o discurso da personagem se afasta do desejo de desempenhar as tarefas e funções atribuídas às mulheres – de mãe, esposa e dona-de-casa – se apoiando no pensamento da independência social feminina. Logo, Marjorie move suas concepções juntamente aos diferentes cursos próprios de seu tempo, levando a refletir em sua

² Warren, que havia crescido na casa em frente à de Marjorie, era havia muito “louco por ela”. Às vezes, ela aprecia retribuir o sentimento com uma ligeira gratidão, mas ela o submetia ao seu teste infalível e dito seriamente que não o amava. Seu teste consistia em, quando ele estava longe, esquecer-se dele e ter romances com outros rapazes. Warren considerava esse fato desanimador, principalmente porque Marjorie vinha fazendo pequenas viagens durante todo o verão e, nos dois ou três primeiros dias depois de cada retorno seu para a casa, ele via grandes pilhas de correspondências sobre a mesa do hall de entrada dos Harvey endereçadas a ela em várias caligrafias masculinas. (FITZGERALD, 2010, p. 63)

³ [...] Ah, eu sei o que você vai dizer! Que muita gente lhe disse o quanto ela é bonita e doce, e como ela sabe cozinhar! E daí? Ela é chata. Os homens não gostam dela. [...] nenhuma garota pode apoiar permanentemente uma visitante sem esperança, porque hoje é cada garota por si”. (FITZGERALD, 2010, p. 69)

construção identitária.

De acordo com Hall (1999, p.13),

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.”

Nessa direção, percebemos que o enfraquecimento de práticas e valores, que se fundaram na ideia de sujeição “natural” da mulher diante ao homem, mediante a referida personagem. Como parte do processo de transformações, pelos quais os meios sociais passam, as preferências e escolhas do sujeito também se alteram, como bem faz Marjorie agindo em discordância com os princípios da geração de sua mãe, Sra. Harvey.

Opostamente, Bernice não compartilhava dos mesmos pensamentos de sua prima. Tal personagem, segundo o narrador, veio da cidade de *Eau Claire* para visitar Marjorie, tem cabelos escuros, face corada e não é divertida nas festas, seguindo preceitos conservadores que não se enquadravam nos âmbitos frequentados pelos jovens de sua época, como os bailes.

Não tendo popularidade nas festas, Bernice aguardava o parceiro de dança se aproximar para lhe tirar para a dança, transformado-a em um momento formal, sem intimidades, mostrando-se ingênua e tímida ao conversar com os rapazes durante o baile. Por seus modos conservadores não atraía a atenção masculina da geração do *jazz*, uma vez que não importava “[...] how beautiful or brilliant a girl may be, the reputation of not being frequently cut in on makes her position at a dance unfortunate.”⁴ Assim, os rapazes achavam a garota de valores tradicionais entediante diante o frenético ritmo da juventude e, com relutância, a convidavam para dançar.

Bernice dava continuidade aos ideais da mãe, igualmente compartilhados pela sua tia Sra. Harvey. Dançar com diferentes sujeitos na mesma noite ou ter seu olhar direcionado ao do rapaz, eram ações que fugiam de seus princípios morais. Flertar, então, era não apenas a iniciação de um namoro, mas equivalia a intenções de futuros casamentos, sendo a mulher casada sinônimo de respeito, antes do século XX (DEL PRIORE, 2014).

Contudo, conforme Russell (2015, p. 21), ao passo que a sociedade avança e as situações econômicas se modificam, tais preceitos morais tornam-se enfadonhos para muitos indivíduos, alterando o cenário social. Porém, Bernice mantém valores tradicionais, como é possível apreender no trecho em que ela percebe as práticas das moças modernas como inescrupulosas, retomando as convicções ideológicas de sua mãe “[...] her mother would have assured her that the other girls cheapened themselves and that men really respected girls like Bernice.”⁵

As transformações no comportamento feminino era compreendido, então, como uma ameaça para as tradições familiares que, a cada geração, buscam delimitar os papéis sociais para cada gênero. Para a mulher eram atribuídas funções no espaço privado e procriação e, a fim de desempenhar as referidas atividades, a mãe era de demasiada relevância. Mediante a genitora, a educação feminina era transmitida para a geração seguinte, formando mulheres “afeiçoadas ao casamento, desejosas da maternidade,

⁴ [...] o quão bonita e interessante seja uma garota, a reputação de não ser frequentemente tirada para dançar dificulta muito a sua posição num baile. (FITZGERALD, 2010, p. 65).

⁵ [...] sua mãe teria lhe assegurado que as outras garotas se desvalorizavam, e que os homens realmente respeitavam garotas como Bernice. (Ibidem. p.68).

competentes para a criação dos filhos e capazes na administração da casa” (DEL PRIORE, 2014, p. 66), tornando-se, assim, os “anjos do lar”.

Segundo a explanação da escritora inglesa Virginia Woolf, em seu artigo “Profissões para mulheres” (2016 [1931]), a mulher como “anjo do lar” era

[...] Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar – em suma, seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza – enrubescer era seu grande encanto.

Dessa maneira, a identidade feminina era associada à natureza para as mulheres, enquanto que os homens ao social. Os desejos sexuais reprimidos, a sujeição ao outro, o recatamento e a sensibilidade emocional fazem parte da estrutura de valores morais que Bernice acreditava. Logo, observamos que a personagem sustenta estruturas que seguem em concordância com o sistema hierárquico binário, buscando manter as convicções de seus antecessores.

Nas tentativas de adequação em meio a sociedade moderna, Bernice é persuadida por sua prima a se transformar em uma jovem progressista. Para tal feito, a personagem, aos poucos, apresenta mudanças em suas feições físicas, como o uso do vestido de cor vermelha – antes depreciado por ela dado que o vermelho representa o amor carnal, a paixão e o erotismo (PAULA JÚNIOR, 2011) –, e o corte de cabelo usado pelas *flappers*, expressando o sentimento de liberação das mulheres na primeira metade do século XX.

O novo tipo de mulher, com diferentes atitudes, vestuários e profissões, também requer uma nova feminidade, sendo esta aparente no corte de cabelo. Os cabelos femininos possuem emblemático poder de representação e desfazer-se dele, na esfera conservadora (principalmente no século anterior), se torna um indício de “masculinização” (PERROT, 2008). Assim, o cabelo curto equivalia à transição para uma nova era, rompendo com práticas e convicções passadas.

Bernice, estruturada nos delineados princípios que lhe foram ensinados, apresentava dificuldades para entender e pensar da mesma maneira que Marjorie. Apesar disso, diante dos olhares críticos, que não consentiam com o comportamento e pensamento antiquado, a personagem hesita e declara, precipitadamente, que irá cortar o cabelo. Os jovens, inclusive a sua prima, se surpreende com a colocação de Bernice, gerando amplas expectativas.

Vejamos as passagens da narrativa que se referem às mencionadas afirmações:

"Oh, Bernice, when you goin' to get the hair bobbed?" [...]
Bernice, whose tonsorial intentions were strictly dishonorable, would laugh again.
"Pretty soon now. You'd be surprised." [...]
She felt that wit in some form was demanded of her, but under her cousin's suddenly frigid eyes she was completely incapacitated. [...]
"I like bobbed hair," she said hurriedly, as if he had asked her a question, "and I intend to bob mine."⁶

⁶ “Ah, Bernice, quando você irá cortar o seu cabelo?” [...]

Bernice, cujas intenções de cortar o cabelo eram estritamente indecorosas, ria novamente.

“Muito em breve, vocês se surpreenderão.” [...]

Bernice se subjugava, portanto, as pressões sociais do contexto moderno. Contudo, mesmo sendo levada a se mostrar aparentemente progressista, seu pensamento se manteve o mesmo. Insatisfeita, tanto com o seu cabelo quanto com seus novos modos, a personagem desapontou-se com si própria por ter deixado ser coagida tão facilmente pelos outros e ter cometido ações que contradiziam seus valores morais.

Nessa perspectiva, se deslocar em direção das correntes práticas não sugeria a igual mudança de ideais da mente de Bernice. Percebemos, aqui, a falta de desejo da personagem em acompanhar a progressão dos costumes de seu tempo, tornando-se moderna, estando confortável dentro de sua posição social e de sua identidade. Cortar o cabelo foi o auge de suas tentativas, até notar que não fazia parte daquele grupo, estando satisfeita com os valores que acreditava e com a aparência carregada de significados que conservava.

Verifiquemos o impasse mental de Bernice perante o evento culminante que rompia com os preceitos da tradição:

Bernice stood on the curb and looked at the sign, Sevier Barber-Shop. It was a guillotine indeed, and the hangman was the first barber, who, attired in a white coat and smoking a cigarette, leaned nonchalantly against the first chair [...] Would they blindfold her? No, but they would tie a white cloth round her neck lest any of her blood--nonsense--hair--should get on her clothes.⁷

Assim, o meio de tensões envolve Bernice e a influencia a fazer escolhas a partir do interesse do grupo que a cerca, interrompendo suas próprias crenças e se frustrando em seguida. Essa frustração a leva ao ato da vingança que se consistiu em cortar igualmente o cabelo da prima enquanto esta dormia, fazendo relação intertextual com a narração bíblica de Sansão e Dalila⁸.

Marjorie e Bernice, então, possuem divergências de pensamento, dividindo-se em dois pólos: o moderno e o da tradição. Apoiados em Mill (2016), apreendemos que o princípio prático que guiou as personagens em suas opiniões sobre as condutas morais a serem tomadas foi o sentimento de que todos os sujeitos deveriam agir como elas gostariam – e como aqueles outros jovens com as quais elas possuem afinidades – que agissem.

Considerações finais

Fitzgerald, um pertinente observador do meio social no qual estava inserido, traz

Sentiu que exigiam dela algum tipo de observação inteligente, mas, sob o olhar subitamente gélido da prima, sentia-se completamente despreparada. [...]

“Eu gosto de cabelo curto – disse, apressadamente, como se tivesse lhe feito uma pergunta – e pretendo cortar o meu.” (FITZGERALD, 2010, p. 83-86)

⁷ Bernice ficou parada no meio fio e olhou para a placa, Sevier Barber-Shop. Era uma guilhotina, de fato, e o carrasco era o primeiro barbeiro, que, vestindo um guarda-pó branco e fumando um cigarro, encontrava-se calmamente apoiado na primeira cadeira [...] Será que a vendariam? Não, mas amarrariam um tecido branco em torno de seu pescoço para evitar que o seu sangue – que bobagem... seu cabelo – caísse em suas roupas. (FITZGERALD, 2010, p. 87)

⁸ A história é contada no livro dos Juizes, a partir do capítulo 13 até o capítulo 16. Sansão é reconhecido por causa da sua força, perdendo-a quando o seu cabelo é cortado por Dalila. A moça faz cortar os cabelos detentores do poder graças ao fato que Sansão também se fazia vulnerável as armadilhas da sedução amorosa. (ROBLES, 2013, p. 197-200)

em sua obra questões relacionadas ao comportamento sexual e interações sociais com a geração de pensamento progressista, redefinindo valores morais, e do antiquado, que se configura na manutenção da tradição normativa. As mudanças de práticas nos anos vinte estão presentes em “Bernice bobs her hair”, expressando tanto o pertencimento entre os sujeitos quanto a não adaptação por parte de outros.

Os temas da identidade, da aceitação, da popularidade, da traição, e da rejeição se interligam no conto de modo que façam fundamento, nos levando a revisitarmos os acontecimentos passados e confrontarmos com situações que eram experienciadas pelos seres em tempo e espaço específicos, transgredindo os limites do texto, perpassando por diferentes épocas e sociedades.

Nessa perspectiva, verificamos Marjorie e Bernice como partes integrantes desse contexto de deslocamentos, ora de resistência ora de identificações. Pertencentes a uma esfera cada vez mais baseada nas aparências e nas primeiras impressões, assumindo uma dimensão performativa, Marjorie buscava ser popular e atraente, se identificando com as condutas da mulher moderna e se divergindo das concepções de sua genitora Sra. Harvey, enquanto sua prima Bernice valorizava os princípios conservadores lhes ensinados por sua mãe, numa educação informal que se consistia em um processo de disciplinamento de caráter ideológico.

Contudo, apesar das diferenças entre ambas as personagens, percebemos que nenhuma dispõe do interesse e disposição em alterar seus costumes e posições em direção as suas identidades. Desejar manter ou romper condutas, praticadas pelas gerações passadas, atribuídas as mulheres, devem partir então da garantia de escolhas diante de suas vontades, sem tensas pressões sobre si ditando uma identidade predefinida que deve ser adotada.

Com isso, acreditamos que é imprescindível compreender que as relações entre significante e significados não são estáveis e, por tal razão, o que for valorativo para um sujeito pode não ser para o outro, vice-versa. Assim, atestamos que, o registro literário, foco de nosso estudo crítico, nos proporciona facultosas ponderações críticas acerca das antigas e novas práticas construídas historicamente e como elas dialogam para um satisfatório funcionamento sociocultural.

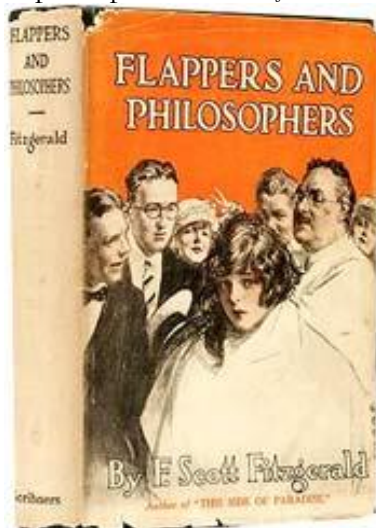
Referências

- BIROLI, Flávia. **Autonomia e desigualdades de gênero**: contribuições do feminismo para a crítica democrática. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. 2 ed. – São Paulo: Planeta, 2014.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ESTEVES, Marta Abreu. **Meninas perdidas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FITZGERALD, Francis Scott Key. **Bernice Bobs Her Hair**. Disponível em: <https://loa-shared.s3.amazonaws.com/static/pdf/Fitzgerald_Bernice_Bobs.pdf> Acesso em: outubro de 2020.
- FITZGERALD, Francis Scott Key. **O diamante do tamanho do Ritz e outros contos**. Trad. Cássia Zanon e William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- FRIEDAN, Betty. **A segunda etapa**. Trad. Edna Jansen de Mello – Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.
- FRIEDAN, Betty. **The feminine mystique**. W. W. Norton & Company, 2013 (1963).
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Claridade, 2011.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- MILL, John Stuart. **A sujeição das mulheres**. Trad. Benedita Bettencourt. Coimbra: Edições Almedina, 2006 (1869).
- MILL, John Stuart. **Sobre a liberdade**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: 2016 (1859).
- MOWRY, George Edwin. **The Twenties: Fords, Flappers & Fanatics**. 1 ed – New York: Prentice Hall Trade, 1962.
- PAULA JÚNIOR, Francisco Vicente de. **A semântica das cores**. *Entrepalavras*, Fortaleza - ano 1, v.1, n.1, p. 129-138, ago/dez 2011.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo. Contexto. 2007.
- PRATT, Mary Louise. The short story: the long and the short of it. In: MAY, C. (org). **The new short story theories**. Athens: Ohio University Press, 1994.
- ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**. Trad. William Lagos, Débora Dutra Vieira. 2 ed. rev. – São Paulo: Aleph, 2013.
- RUSSELL, Bertrand. **Casamento e moral**. Trad. Fernando Santos. 1 ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- SHERWOOD, John. **Manners and Social Usages**. New York: Harper and Brothers, 1887. Disponível em: <[http://memory.loc.gov/cgi-bin/query/r?ammem/musdi:@field\(DOCID+@lit\(musdi237\)\)](http://memory.loc.gov/cgi-bin/query/r?ammem/musdi:@field(DOCID+@lit(musdi237)))> Acesso em: dezembro de 2020.
- STEARNS, Peter N. **História da sexualidade**. Trad. Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.
- WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2004.

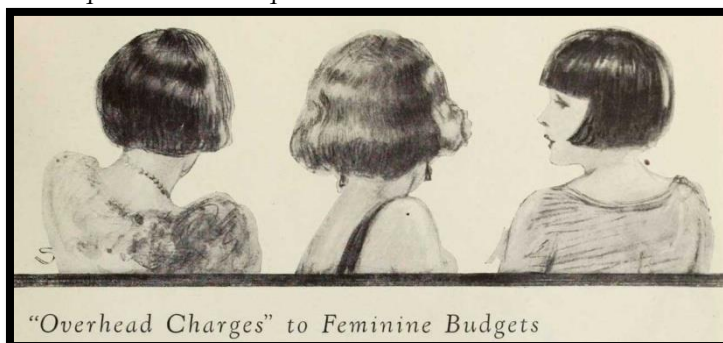
Anexos

1. Capa da primeira coleção de contos.



Fonte: <<http://www.sothebys.com/en/auctions/ecatalogue/2013/books-manuscripts-n09066/lot.173.price.html>> Acesso em: dezembro de 2020.

2. *Bobbed hair*, o cabelo usado, majoritariamente, pelas *flappers*. Também modelo do corte que Bernice adquiriu.



Fonte: <<http://glamourdaze.com/2014/04/1920s-hairstyles-the-bobbed-hair-phenomenon-of-1924.html>> Acesso em: dezembro de 2020.